



VII SENAL  
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE  
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



## A LEITURA E A PRODUÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA A PARTIR DO “DIÁRIO DE UM BANANA”

José Ricardo Carvalho<sup>116</sup>  
Claudia Virgínia Fontes Sacramento<sup>117</sup>

A comunicação humana ocorre por meio de gêneros textuais escolhidos de acordo com a situação de comunicação e o contexto de interação (Dolz, Noverraz, Schneuwly, 2004,p.83). Os gêneros textuais estão presentes nas práticas sociais, podendo ser constituídos de linguagem verbal ou diferentes semioses. Os gêneros que apresentam linguagem mista, requerem do aluno/leitor habilidades na leitura para que a compreensão desses textos. Como os alunos apresentam dificuldades na leitura desses gêneros mistos, refletimos sobre o gênero diário de ficção, tendo como suporte o livro “Diário de um Banana”, por se tratar de um gênero que apresenta as duas linguagens, além de sua narrativa apresentar proximidade entre suas histórias contadas e o cotidiano dos adolescentes. Dessa forma, cabe à escola, orientar os alunos, através de estratégias de leitura desses gêneros para que esses leitores apresentem uma leitura satisfatória.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo geral de refletir sobre a prática de leitura através do gênero diário em sua complexidade, trazendo para cena e leitura do livro “Diário de um Banana” de Jeff Kinney. Observamos, na série, a combinação da linguagem dos quadrinhos com procedimentos adotados pelo gênero diário com tom humorístico. A obra promove o diálogo com leitores adolescentes que acompanham as aventuras de um jovem que sonha ser popular na escola, mas na maioria das vezes fracassa ou não se sente adaptado. Observa-se o trabalho de gestão de vozes que o narrador-

<sup>116</sup> Professor Adjunto da UFS/DLI [ricardocarvalho.ufs@hotmail.com](mailto:ricardocarvalho.ufs@hotmail.com)

<sup>117</sup> Mestranda do PROFLETRAS – UFS [claudiacifras@hotmail.com](mailto:claudiacifras@hotmail.com)



**VII SENAL**  
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE  
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



personagem do diário realiza para colocar em cena os conflitos vividos pelo protagonista com as pessoas da família e com colegas da classe escolar. Neste contexto, apresentamos uma experiência didática em uma classe de 9º ano do ensino fundamental, na qual alunos analisam a construção de argumentos que se realizam por meio de estruturas verbo-visuais para expor pontos de vistas ditos de maneira irônica.

Este trabalho tem como base o estudo dos teóricos como Bronckart (1999,2006), a partir da perspectiva interacionista sociodiscursiva, Anna Raquel Machado (1998), com base em sua pesquisa com O diário de leituras, Bakhtin (1997), Luiz Antônio Marcuschi (2004-2008), Dolz e Schneuwly (2011), com suas contribuições sobre os gêneros textuais, Buzzo (2010), Lejeune (2008) e Rildo Cosson (2014) entre outros. A partir das contribuições desses teóricos, busca-se uma melhor compreensão de como ocorre o funcionamento desse gênero para poder traçar um caminho favorável a ampliação da capacidade leitora desses alunos.

## **O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO E O GÊNERO TEXTUAL**

O interacionismo sociodiscursivo (ISD) associa-se ao movimento do interacionismo social, tornando-se sua variante. (BRONCKART, 2006, p.9). A partir dessa integração, o ISD passa a defender cinco princípios básicos que serão elencados a seguir:

- a) “o objeto das ciências humanas seriam as condições de desenvolvimento e funcionamento das condutas humanas; b) a fixação de todos os processos de todos os processos do desenvolvimento humano seria feita, baseando-se nas diversas estruturas sociais já presentes em uma dada sociedade; c) todos os conhecimentos construídos são produtos de um agir que acontece em um dado quadro social; d) tanto os processos de construção dos fatos sociais quanto os de formação das pessoas individuais seriam duas vertentes complementares e indissociáveis do mesmo desenvolvimento; e) a linguagem exerceria um papel fundamental no desenvolvimento humano, levando em consideração que é através dela que se cria uma “memória” dos pré-construídos sociais, além de organizar, comentar e regular o agir e as interações humanas”. (CRISTOVÃO, MACHADO,2009, P.126)



VII SENAL  
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE  
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



Além de defender esses princípios de base, Bronckart (2004) cita alguns objetos de estudo que considera importantes para serem caracterizados pelos estudos do ISD, formando um verdadeiro programa de pesquisa para pesquisadores que acolhem essa abordagem. Esses objetos seriam:

“os pré-construídos sociais, incluindo as atividades sociais, as formações sociais, as línguas naturais e os gêneros de uma certa sociedade; b) as características dos sistemas educacionais e formativos que consente a transmissão dos pré-construídos sociais às novas gerações; c) os mecanismos de apropriação e de interiorização, através dos quais os seres constroem seus conhecimentos e sua identidade como pessoa” (CRISTOVÃO, MACHADO, 2009, p.126)

De acordo com Cristovão e Machado (2009, p.127), Bronckart (2003) diz que, em relação aos gêneros de texto, todas as pessoas de uma certa comunidade linguística, ao agir com a linguagem, é confrontado constantemente com uma imensa variedade de textos pré-existentes, em forma de gêneros, que estão sempre sendo modificados e são em números ilimitados. Além disso, relata que o contato com os gêneros ocorre a partir do nascimento, levando-nos a um constante contato com esses gêneros, o que contribui para a construção de um conhecimento intuitivo das regras e propriedades específicas de diferentes gêneros, mesmo que de forma sistemática e inconsciente. Dessa forma, essas regras e propriedades, assimiladas pelos indivíduos, sofrem modificações constantes como em todo processo de aprendizagem social.

As autoras ainda relatam uma noção de gênero do estudioso Schneuwly (1994) que contribuiu o ensino aprendizagem dos gêneros e para a construção de materiais didáticos apropriados. Antes da concepção do gênero, o autor faz com que as autoras relembrem que a atividade humana é criada com base em três polos. Nesses polos, há um ser atuante sobre objetos ou situações, aproveitando-se de objetos específicos que são elaborados sócio-historicamente e que se estabelecem como ferramentas para o agir. Em seguida, as autoras apresentam uma comparação que Schneuwly (1994) faz, dizendo que há uma semelhança entre o uso dos instrumentos materiais nas atividades não verbais com os gêneros textuais, argumentando que esses gêneros se estabelecem como “verdadeiras ferramentas semióticas complexas que mediatizam a ação de linguagem,



permitindo a produção e a compreensão de textos” (Schneuwly,1994, apud CRISTOVÃO, MACHADO,2009, p.128)

Diante das contribuições de Schneuwly (1994), Rabardel (1993) e Clot(1999), as autoras concluem que os gêneros de texto se estabelecem como artefatos simbólicos que estão à disposição dos indivíduos de uma certa sociedade, mas só serão considerados como ferramentas/instrumentos para seu agir, no momento em que houver a apreensão desses gêneros pelos indivíduos, e assim, considere-os essenciais para seu agir com a linguagem. (CRISTOVÃO, MACHADO,2009, p.128). Dessa forma, as autoras pontuam que, no ensino de gêneros, se os aprendizes considerarem que um determinado gênero não é necessário para o seu agir verbal, a dificuldade para a sua apreensão será bem maior.

Segundo Schneuwly (1994 apud Cristovão, Machado,2009, p.128) o conhecimento sobre os gêneros e os meios para sua utilização será construído a partir do processo do desenvolvimento humano e de sua participação em atividades sociais. Dessa forma, as autoras mostram que se os gêneros considerados informais são apreendidos no decorrer das atividades diárias, sem obrigação de um ensino formal, os gêneros mais formais, orais ou escritos, precisam ser aprendidos de forma sistemática na escola, pois caberia à mesma assegurar “o contato, o estudo e o domínio de diferentes gêneros usados na sociedade”.

Os pesquisadores Dolz e Schneuwly (2004, p.43) sugere que “comunicar-se oralmente ou por escrito pode e deve ser ensinado sistematicamente”. Esse ensino sistemático ocorreria através de um método denominado sequência didática que seria uma sequência de módulos de ensino, organizados de forma conjunta, com o intuito de melhorar uma certa prática de linguagem. Essa sequência iniciaria um primeiro contato entre um projeto de apropriação e uma prática de linguagem, bem como os instrumentos que facilitam essa apropriação. Assim, as sequências procuram confrontar os alunos com os gêneros textuais para lhes dar a possibilidade de reconstruí-los e se apropriarem deles (Dolz e Schneuwly ,2004, p.43) .



**VII SENAL**  
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE  
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



De acordo com Cristovão e Machado (2009, p.129), para o ensino dos gêneros seria fundamental a construção de materiais didáticos adequados, que facilitassem a adaptação didática dos conhecimentos científicos sobre os gêneros para o nível dos conhecimentos a serem realmente ensinados de acordo com o nível das capacidades dos alunos.

### **SOBRE O GÊNERO DIÁRIO E SUA VARIAÇÃO**

Os gêneros textuais vem sendo objeto de estudo há muito tempo. E, cada vez mais, estudiosos estão empenhados na escrita e publicação de obras que abordam a funcionalidade e diversidade desses gêneros. De acordo com Marcuschi (2010) os gêneros textuais surgiram a partir de povos que utilizavam somente a linguagem oral como meio de comunicação. Com o surgimento da escrita, os gêneros típicos dessa modalidade foram surgindo e diversificando-se para adaptar às novas formas de comunicação.

Atualmente, há uma infinidade de gêneros que estão à disposição para efetuarmos as práticas discursivas. Com o avanço da tecnologia, principalmente na área da comunicação, deparamo-nos, não só com gêneros textuais orais ou escritos, mas também, com textos visuais. Apesar de as tecnologias contribuírem para o aparecimento desses novos gêneros, eles, na verdade, não são novos. São adaptações decorrentes da evolução dos meios de comunicação. Esse episódio já havia sido observado por Bakhtin (1997, apud Marcuschi, 2010) e denominado 'transmutação' dos gêneros.

Marcuschi (2008, p.149) conceitua gênero, de forma enumerativa, como “uma categoria cultural, um esquema cognitivo, uma forma de ação social, uma estrutura textual, uma forma de organização social e uma ação retórica.” Já Bakhtin (2006, p.261), denominando gênero textual como gênero do discurso, define-o como enunciados que apresentam finalidades e condições específicas de acordo com o contexto em que o ser está inserido. Além disso, salienta que o tema abordado, o estilo de linguagem e a estrutura composicional “estão



**VII SENAL**  
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE  
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



indissolavelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo de comunicação”. (Idem, p.262)

Bakhtin (2016, p.15) ainda faz uma distinção entre os gêneros discursivos primários e os gêneros discursivos secundários. Ele classifica os gêneros discursivos primários como simples porque se formaram a partir da “comunicação discursiva imediata” - a fala, enquanto que os secundários são classificados como complexos porque apareceram do “contato cultural mais complexo, mais desenvolvido e organizado” - a escrita. (Idem, p.15) Vale ressaltar que na elaboração dos gêneros discursivos secundários, diversos gêneros primários são absorvidos e recriados por esses gêneros complexos. Quando são incorporados e recriados por esses gêneros, os primários são modificados e ganham uma característica específica diferente da sua. Ou seja, se o diálogo diário (gênero primário) passa a integrar um romance (gênero secundário), o diálogo perderá a sua característica de comunicação discursiva imediata e passará a ser considerado, no romance, como um acontecimento artístico-literário. (Bakhtin, 2016)

Os gêneros textuais são fenômenos que fazem parte da nossa comunicação diária e estão ligados à nossa vida cultural e social. É através deles que estabelecemos uma comunicação de forma organizada, baseada em um propósito de comunicação. É a partir desse propósito e da situação em que o locutor estiver inserido que o gênero será escolhido para efetivar uma determinada comunicação. Dessa forma, fica evidente que o contato com a infinidade de gêneros é constante, uma vez que o utilizamos para nos comunicar.

## **UMA PROPOSTA DIDÁTICA**

Para produzir os diários de leitura, os alunos-leitores são orientados a registrarem suas impressões em relação ao texto lido da seguinte forma: a) o que o julgamento deles indicar como mais relevante no texto, tanto em relação à forma quanto ao conteúdo; b) explicitarem suas impressões, reações e diferentes tipos de sensações; c) exporem suas dúvidas, questionamentos, discordâncias, ou seja, posicionamentos diante do que o texto propõe; d) relacionarem as



VII SENAL  
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE  
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



informações da leitura aos diferentes tipos de conhecimentos que eles já têm, a suas diferentes experiências; e) estabelecerem uma interlocução com o texto lido, refletindo sobre o que é lido e produzir o diário sabendo que ele se tornará público, alvo de uma discussão entre ele (o aluno), o professor e os colegas (MACHADO, 2005, p. 69 apud BUZZO, 2010, p. 17 ).

Esta proposta do diário como registro de leitura literária só se realiza completamente no momento em que há uma troca de reflexões, “instauração e manutenção de uma discussão autêntica entre leitores de uma comunidade” (COSSON, 2014, p. 170). A finalidade desse diário não é somente a produção do texto, é fundamental que os alunos divulguem suas experiências de leitura entre si, seguindo as coordenadas do professor. Essa interação entre alunos na sala de aula caracteriza-se como uma produtiva comunidade de leitores, na qual a leitura do outro influencia a dos outros e vice-versa. (NASCIMENTO, 2015, p. 20)

Para Cosson (2014, p.122) o diário de leitura, apesar de ser uma atividade normalmente individual, também possibilita a atividade de forma compartilhada. Uma delas é o “diário a dois”, em que um aluno escreve uma entrada e o colega comenta com explicações o registro do primeiro. Nessa atividade pode haver o envolvimento de dois leitores do mesmo livro ou livros diferentes com um leitor fazendo comentários da leitura do outro, levando em consideração a sua própria leitura. Há uma variante dessa atividade chamada diário da predição. Nesse diário, um aluno faz suas inferências a respeito do que vai acontecer num determinado capítulo, mostrando o porquê de tal probabilidade e, em seguida seu colega faz as devidas adaptações para somente no capítulo seguinte fazer a sua predição. Outro exemplo de atividade compartilhada é o diário de leitura da turma em que professores e alunos se engajam no registro de suas leituras semanais, feitas em um painel na sala de aula ou em um blog da internet, facilitando, dessa forma, o conhecimento de todos a respeito do que aquela comunidade está lendo para que compartilhem suas expectativas. O último exemplo, caracterizado pelo autor como uma prática mais complexa na sua composição, é o diário de leitura coletivo. Nele, uma turma de alunos, lendo o mesmo livro, compartilha seu diário particular com os demais colegas da classe,



com o objetivo de que ao final da leitura do livro, esses diários contenham entradas de todos os seus colegas.

Nesse contexto, levando em consideração a interação entre alunos na sala de aula, configurando assim, uma comunidade de leitores, o círculo de leitura seria uma atividade fundamental, pois apresentam alguns benefícios significativos. Dentre eles, estão: potencialidade de explicitação do caráter social da interpretação; as possibilidades de estreitamento dos vínculos sociais, reforço de identidades; a dimensão formativa, pois proporciona uma aprendizagem coletiva e colaborativa considerando-se que se amplia o horizonte interpretativo da leitura individual através do compartilhamento e do diálogo em torno do texto lido (COSSON, 2014b, p. 139 )

Cosson (2014, p.140-143) apresenta um modelo de círculo de leitura, chamado círculo de literatura, que foi sugerido por Harvey Daniels (2002) e é considerado como um dos melhores utilizados em sala de aula. De acordo com o autor, o círculo de literatura é uma atividade de leitura autônoma em que grupos de alunos se juntam para conversar a respeito da leitura de uma obra. Além disso, os alunos passam por etapas de leitura pré-estabelecidas pelo professor que tem como base as orientações propostas por esse círculo de literatura. Após a leitura da obra escolhida, chega o momento do registro dessa leitura que pode ser feito a partir de anotações em post-it colados ao texto, em diários de leituras e em fichas de função, consideradas como fichas de leitura, que também foram criadas por Daniels. Elas devem ser preenchidas pelos alunos de acordo com a função de cada um dentro do grupo. As diversas funções que devem ser desempenhadas pelos alunos se apresentam da seguinte forma:

- a) Conector – Compara a obra com um momento vivido;
- b) Questionador – elabora perguntas sobre a obra lida para os colegas, analisando a atitude das personagens, bem como o sentido deste ou daquele acontecimento;
- c) Iluminador de passagens – escolhe um trecho do texto para esclarecer ao grupo, de acordo com a sua visão em relação a esse trecho. Ou seja, se o

considera difícil de ser entendido, ou porque é fundamental para a compreensão do texto;

d) Ilustrador – apresenta imagens para ilustrar o texto;

e) Dicionarista – seleciona as palavras que desconhece o significado ou são essenciais para a leitura e compreensão do texto;

f) Sintetizador – sintetiza o texto lido;

g) Pesquisador – pesquisa informações que fazem parte do contexto e são essenciais para o texto.

h) Cenógrafo – explica as cenas mais importantes;

i) Perfilador – elabora um perfil das personagens mais importantes.

(DANIELS, 2002:107 – 32 apud COSSON, 2014, p. 142-143)

Esse modelo de fichas de função para o registro da escrita, empregado numa das etapas do círculo de literatura, pode ser adaptado, pois não é necessário que todas essas funções sejam utilizadas. O professor também pode criar outras funções de acordo com as características do texto escolhido para a leitura e a turma (COSSON, 2014, p.143).

Além disso, o registro de leitura também pode seguir o método tradicional em que são utilizados o questionário ou a ficha de leitura. Dessa forma, cabe ao professor, elaborar essas fichas de acordo com as estratégias da compreensão da leitura, levando em consideração as estratégias de conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e por fim a síntese (COSSON, 2014, p. 143).

Após essa etapa, faz-se necessário uma avaliação do processo por meio da observação minuciosa dos grupos, utilizando diversos recursos para registrar e medir a performance dos alunos. A autoavaliação através de fichas que são preenchidas ao final da leitura do livro também é um meio que pode ser utilizado pelos alunos, tanto para sua autoavaliação quanto para a do grupo (COSSON, 2014, p. 145).



**VII SENAL**  
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE  
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



Ainda na perspectiva de Melacon (1997), essa construção de sentido do texto deve ocorrer de forma “livre” e legítima, possibilitando apreender todos os elementos observados que causam impressões, reações e diferentes tipos de sensações. É na observação desses elementos que ocorre a legítima situação de comunicação entre o leitor e o autor, possibilitando ao aluno desenvolver capacidades fundamentais para que ele interaja com o texto, fazendo questionamentos, rejeitando ou não a posição do autor (apud BUZZO, 2008,p.46).

## **O CONCEITO DE GÊNERO DIÁRIO E SEU FUNCIONAMENTO SOCIODISCURSIVO**

Machado (1998, p.24-25) caracteriza o diário como um gênero de escrita cotidiana em que o produtor relata fatos sobre si e para si, distante do ambiente público, uma vez que uma das características do gênero diário é a escrita privada. Além disso, essa escrita pode apresentar vários propósitos que são diversificados de acordo com a necessidade da situação, variando de indivíduo para indivíduo, não apresentando objetivos preestabelecido pelo próprio gênero.

Em relação à composição escrita do gênero diário, a autora diz que o produtor inclui características explícitas a alguns de seus aspectos, como o emissor e o espaço em relação ao tempo de produção. A presença do emissor em primeira pessoa é uma característica própria no gênero diário, mas isso não impede de que o produtor do diário assuma o papel de enunciador universal, não se apresentando no texto, fazendo uso da terceira pessoa do discurso.

Diante das observações a respeito de como o enunciador se apresenta no diário, pretende-se demonstrar alguns procedimentos discursivos, a partir do livro “Diário de um Banana”. Apesar do gênero diário, comumente, ser realizado na esfera privada, o texto se volta esfera pública, disponibilizado com discurso artístico. Após leitura da obra, percebe-se que, em relação ao enunciador do texto diarista presente na obra citada, há o predomínio total do discurso em primeira pessoa. A seguir, será listado um exemplo desse discurso retirado do primeiro livro “Diário de uma Banana: Um romance em quadrinhos” do autor Jeff Kinney:

## SETEMBRO

Terça-feira

Em primeiro lugar, quero esclarecer uma coisa: isto é um **LIVRO DE MEMÓRIAS**, não um diário. Eu sei o que diz na capa, mas, quando a mamãe saiu para comprar essa coisa, eu disse **ESPECIFICAMENTE** que queria um caderno sem a palavra "diário" escrita nele.

Ótimo. Tudo que eu preciso é que um idiota me pegue com este livro e entenda errado.



A outra coisa que eu quero esclarecer agora mesmo é que isso foi ideia da minha **MÃE**, não minha. Mas se ela acha que eu vou escrever meus "sentimentos" aqui ou coisa do tipo, ela está louca. Então, só não espere que eu seja todo "Querido Diário" isso, "Querido Diário" aquilo.



VII SENAL  
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE  
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



De acordo com Machado (1998, p. 25), as marcas temporais se apresentam na produção do diário através da periodicidade da produção da escrita, pois os mesmos têm um caráter de cotidianidade, fazendo com que o tempo entre a produção e os acontecimentos vividos seja mínimos. Essas marcas temporais geralmente são apresentadas a com datas, ou dias da semana e/ou meses do ano. No livro em análise, essas marcas temporais se apresentam com meses e dias da semana.

O gênero diário retrata um “aspecto monogerado, isto é, sob a responsabilidade apenas do produtor”, em que o mesmo não utiliza nenhuma marca de segunda pessoa, devido à ausência de um receptor real ou até imaginário que interfira no enunciado.(MACHADO,1998, p.25) Essa característica não se observa no “Diário de um Banana,” pois o protagonista faz relatos e comentários sobre situações vividas, e algumas vezes apresenta um diálogo expressos por meio de balões.

Essa escrita é feita porque o adolescente deposita uma confiança no diário, por saber que o mesmo não terá como contar seus segredos a alguém. Como o “Diário de um Banana” apresenta um protagonista adolescente que relata sua experiência pessoal, suas atitudes e até mesmo seus sentimentos e pensamentos, acredita-se que esse locutor não escreva para alguém, uma vez que a prática diarista é a escrita sobre o produtor do diário e para ele.

Machado (1998, p. 32) relata que autores diaristas “consideram o diário como instrumento voltado para objetivos psicológicos pessoais”, enquanto outros autores e até mesmo os mesmos, consideram “o diário como produção voltada para o outro”. Essa produção voltada para o outro tem o intuito de deixar escritos sobre “acontecimentos, registro da memória para as gerações futuras, documentos quer seja como documento de vida, quer seja como modelo do processo de construção de uma obra”.



**VII SENAL**  
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE  
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



## **SOBRE O TRABALHO PEDAGÓGICO DE LEITURA DO DIÁRIO EM QUADRINHOS**

Relatamos aqui, momentos importantes da construção de sequência com o livro “Diário de uma banana”. Na primeira etapa, houve a ativação dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero diário. Na segunda, houve uma atividade com a abordagem de algumas entradas com base no ISD que compreende o contexto de produção, nível organizacional, nível enunciativo e o nível semântico (esse nível não foi trabalhado). Na terceira etapa, exploramos a compreensão textual dos alunos, conduzindo-os a fazer relações do texto imagético com o texto verbal. Essa atividade apresentou a página do primeiro livro do “Diário de um Banana” explorando o texto em sua dimensão semântica. Posteriormente, fizeram uma leitura minuciosa com o intuito de compreenderem os elementos que colaboram para a construção do texto e, a seguir, responderam a atividade de interpretação. Com essa atividade, objetivou-se identificar os elementos constituintes do contexto de produção, os elementos do nível organizacional e os elementos do nível enunciativo.

Ainda nesse contexto, houve uma questão sobre o papel social das personagens dentro da narrativa do livro “Diário de um Banana: um romance em quadrinhos”, não apresentando nenhuma dificuldade. Na entrada do nível organizacional, explorou-se o conteúdo temático, remetendo para a questão do bullying na escola. Além disso, explorou-se as características da estrutura do texto, a composição de sequências textuais contidas no texto, sendo dominada por sequência narrativa e argumentativa no plano verbal e descritiva no plano imagético. Na entrada do nível enunciativo, houve uma questão sobre as vozes que apareciam no texto. Como essa questão foi elaborada mostrando as personagens falando através dos balões de histórias em quadrinhos, os alunos não tiveram nenhuma dificuldade em respondê-la de maneira adequada.



**VII SENAL**  
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE  
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de uma proposta de leitura sob uma perspectiva interativa, descrevemos procedimentos de interpretação e compreensão de textos relacionados à linguagem verbal e à linguagem imagética. Essas atividades realizadas em uma dada sequência permitiu um amplo debate e possibilidades de construção de sentido dos fragmentos do diário lidos na sala de aula.

Destacamos a importância do papel da socialização nas atividades interpretativas entre os colegas. Essa etapa foi fundamental porque os alunos explicitassem as dificuldades no plano das relações de sentidos a partir das pistas deixadas no texto e das propostas de leitura situadas no contexto de interação.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.. (1953/2000). Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. [tradução de Maria Ermantina Galvão], 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 279-287.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. 1ª ed. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo, Educ, 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. 1ª ed. Trad. Anna Rachel Machado; Maria Lucia Meirelles Matêncio. Campinas, Mercado de Letras, 2006.

BRONCKART, Jean-Paul. **O agir nos discursos : das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. 1ª ed. Trad. Anna Rachel Machado; Maria Lucia Meirelles Matêncio. Campinas, Mercado de letras, 2008.

BUZZO, Marina Goncalves. **Os professores diante de um novo trabalho com a leitura: modos de fazer semelhantes ou diferentes?** Sao Paulo: 2008, pp. 197.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

KINNEY, Jeff. **Diário de um banana**. Vergara e Riba Editoras S/A, 2013



**VII SENAL**  
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE  
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



LEJEUNE, Philippe; NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

\_\_\_\_\_. Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário. **cadernos pagu**, n. 8/9, p. 99-114, 1997.

MACHADO, Anna Rachel. **O diário de leituras**: a introdução de um novo instrumento na escola. São Paulo, Martins Fontes, 1998. MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros Textuais e Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, Trad. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro

**2023**

# **ANAIIS DO II CIESD E VII SENAL**

---

**II CONGRESSO INTERNACIONAL  
DE ESTUDOS SOCIODISCURSIVOS**

**VII SEMINÁRIO DE  
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**





**VII SENAL**  
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE  
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Congresso Internacional de Estudos Sociodiscursivos.  
Seminário Nacional de Alfabetização e Letramento  
(2. : 2022 : Aracaju, SE)  
Anais do II CIESD e VII SENAL [livro eletrônico] /  
[coordenação José Ricardo Carvalho, Daniela Pereira  
de Oliveira, Everton Pereira Santos]. -- 1. ed. --  
Aracaju, SE : Ed. dos Autores, 2023. :  
PDF.

Vários autores.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-00-59026-5

1. Alfabetização 2. Educação - Congressos  
3. Letramento 4. Leitura - Compreensão  
5. Textos - Interpretação I. Carvalho, José  
Ricardo. II. Oliveira, Daniela Pereira de.  
III. Santos, Everton Pereira. IV. Título.

22-139558

CDD-370.6

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Educação : Congressos 370.6

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129